

FERDINAND DE SAUSSURE E *MONSIEUR B*¹

FERDINAND DE SAUSSURE AND MONSIEUR B

Giuseppe D'Ottavi²

giuseppe.dottavi@gmail.com

A literatura crítica assimilou, já há algum tempo, o papel do sujeito falante como um componente inalienável da visão linguística saussuriana como um todo³.

¹ Texto traduzido do original de 2010, “*Ferdinand de Saussure e Monsieur B*”, publicado no *Bollettino di italianistica*. A **ReVEL** agradece a gentileza de Giuseppe D'Ottavi e do editor-chefe da revista, Giorgio Inglese, por autorizarem a publicação desta tradução do texto para o português nesta edição especial (N. T.).

² Institut des textes et manuscrits modernes (ENS/CNRS, Paris).

³ O pensamento saussuriano foi confiado, como se sabe, à publicação do *Cours de linguistique générale* (Payot, Lausanne-Paris 1916 [Paris 1922]), cujo texto é fruto (em grande parte) de uma *recensio*, mais ou menos bem sucedida, dos cadernos dos alunos dos três cursos de linguística geral ministrados por Ferdinand de Saussure (1857-1913) em Genebra entre 1907 e 1911. O trabalho se deve à solicitude e habilidade de dois professores e ex-alunos de Genebra, Charles Bally (1865-1947) e Albert Sechehaye (1870-1946), que, com a ajuda de Albert Riedlinger (fiel frequentador das aulas entre 1907 e 1912, mas não do terceiro curso), criaram a síntese que se tornou um clássico da linguística do século XX. Foi isso que abriu o horizonte das pesquisas da linguística e das ciências humanas entre as décadas de 1930 e 1960, ajudando a lançar e moldar - em troca - a imagem de um Saussure "estruturalista sem saber" (Mounin) que acabou sendo amplamente adotada e difundida. A primeira etapa da virada nos estudos foi o trabalho filológico, antes mesmo do exegético, de Robert Godel (1902-1984), *Les sources manuscrites du "Cours de linguistique générale" de F. de Saussure (SM)*, Librairie Droz, Genève 1957 [1969], que colocou de uma vez por todas os materiais manuscritos (quer tenham entrado ou não no *Cours*) no centro da crítica. Marcada como apócrifa a última frase do *Cours* (“a linguística tem como único e verdadeiro objeto a *langue* considerada em si mesma e por si mesma”, Saussure 1967: 282; ver *SM*, em Godel 1957: 119, 181), parecera já não mais tão segura a interpretação ascendente da teoria saussuriana de caráter imanentista e de matriz estruturalista. A preparação de uma edição crítica (ou melhor, de uma propedêutica para uma edição crítica) do texto do *Cours* foi levada à cabo por Rudolf Engler (1930-2003) com F. de Saussure, *Cours de linguistique générale*, éd. par R. Engler, 4 voll., Otto Harrassowitz, Wiesbaden 1967-1974 [1989-1990] (*CLG/E*): o trabalho de Engler desvendou o laboratório de Bally e Sechehaye, revelando definitivamente o *Cours* em sua natureza de primeira interpretação do pensamento saussuriano. Tullio De Mauro reuniu as contribuições

O tema do falante e os modos e os efeitos de sua presença e de sua intervenção sobre a *langue* não são estranhos à elaboração do CLG: pode-se seguir as pistas acerca dos vestígios da tripla *parole* (por exemplo na seção *Linguística da língua e linguística da parole*: Saussure 1967: 28-30), *discours* – termo presente nos escritos originais (cf. Saussure 2002: 278), mas não ausente no CLG, como nos dá a ver o índice (s. v. **discorso*; ver, por exemplo, Saussure 1967: 149) – e *faculté de langage* (ver Saussure 1967: 18-19, que limita a definição de *langue*; cf. abaixo)⁴.

filológicas de Engler ao comentário com o qual acompanhou sua tradução italiana (F. de Saussure, *Corso di linguistica generale (CLG)*, introduzione, traduzione e commento di T. De Mauro, Laterza, Roma-Bari 1967 [2010]), dando lugar a uma síntese interpretativa que por sua completude, coerência e difusão logo atinge o status de *standard*. Um conjunto heterogêneo de papéis, notas e cadernos datados principalmente do período parisiense (anos de 1880-1891), foi enviado para os Estados Unidos em 1967 e publicado com pouca diferença de tempo, mas de duas maneiras diferentes: uma antologia, editada por Herman Parret, foi publicada simultaneamente em “*Cahiers Ferdinand de Saussure*”, XLVII, 1993 [1994], 179-234 e na versão italiana (F. de Saussure, *Manoscritti di Harvard*, editado por H. Parret, Laterza, Roma-Bari 1994), e cinco cadernos sobre temas fonéticos foram objeto de um trabalho filológico minucioso por Maria Pia Marchese (F. de Saussure, *Phonétique. The Harvard Houghton Library BMS Fr 266* (8), Unipress, Pádua 1995). O florescer de edições de manuscritos e notas dos cursos de linguística geral transversais ao texto do CLG (ver por exemplo F. de Saussure, *Introduzione al secondo corso di linguistica generale*, 1908-1909, editado por R. Simone, Ubaldini, Roma 1970, ao qual mais recentemente foram acrescentadas as edições – contínuas, mas parciais – dos cadernos dos alunos, como F. de Saussure, *Cours de linguistique générale. Premier et troisième cours, d'après les notes de Riedlinger et Constantin*, texte établi par E. Komatsu, Université Gakushuin, Tokyo 1993) ou guiados por critérios temáticos (podemos citar F. de Saussure, *Le leggende germaniche*, escritos, selecionados e anotados de A. Marinetti e M. Meli, Zielo, Este 1986, ou P. Wunderli, Ferdinand de Saussure: “*I^{er} cahier à lire préliminairement*”, em “*Zeitschrift für französische Sprache und Literatur*”, LXXXII, 1972, 3, que torna integralmente disponível o primeiro dos mais de 140 cadernos de pesquisa sobre os “anagramas”), ou mesmo amplas seleções antológicas (por exemplo, o trabalho de J. Fehr, F. de Saussure. *Notizen aus dem Nachlass*, Suhrkamp, Frankfurt am Main 1997, cuja importante introdução, uma verdadeira monografia, foi publicada na versão francesa, Id., *Saussure entre linguistique et sémiologie*, PUF, Paris 2000) indicam a vivacidade e constância do trabalho crítico. Em 1996 a inesperada descoberta de um pacote de notas autográficas trouxe à luz, entre outras coisas, o esboço de uma obra autônoma na qual Saussure trabalhou pelo menos entre 1891 e 1894 (e que projetava publicar, talvez com o título de *De l'essence double du langage, ED*). Foi essa a ocasião para o lançamento dos *Écrits de linguistique générale par Ferdinand de Saussure (ELG)*, *texte établi et édité par S. Bouquet et R. Engler*, Gallimard, Paris 2002, ação editorial que deu lugar a uma reconsideração dos manuscritos saussurianos e das modalidades de sua exploração crítica. Os textos realmente inéditos ali recolhidos (Saussure 2002: 17-88; breves notas genéricas conhecidas como (*Nouveaux*) *Item*, 93-97; alguns *Nouveaux documents*, 129-141) foram objeto de tradução e edição por Tullio De Mauro (F. de Saussure *Scritti inediti di linguistica generale*, SLG, Laterza, Roma-Bari 2005). O trabalho filológico intensificou-se até atingir uma atividade extraordinária em termos de qualidade e amplitude nos últimos anos. São nos históricos “*Cahiers Ferdinand de Saussure*”, publicados em Genebra desde 1941, que a expressão da filologia saussuriana contemporânea ganha lugar: aqui apareceu a edição integral dos cadernos de Émile Constantin, as notas mais claras e completas do terceiro curso de linguística geral (*É. Constantin, Linguistique générale. Cours de M. le Professeur de Saussure*. 1910-1911, editado por D. Gambarara e C. Mejía Quijano, em “*Cahiers Ferdinand de Saussure*”, LVIII, 2005 [2006], 83-289) e onde serão publicados os cadernos de Albert Riedlinger relativos ao segundo curso (editado por C. Mejía Quijano, em preparação para os “*Cahiers Ferdinand de Saussure*”, LXII, 2009 [2010]).

⁴ O estudo pioneiro sobre o caráter e as implicações exegéticas e historiográficas do papel do sujeito falante em Saussure se deve a R. Simone, *The language user in Saussure (and after)*, in

No entanto, a sua recuperação consciente na forma de uma reintegração contribuiu, por um lado para dar nova substância para certos nós típicos do aparato conceitual saussuriano (relações associativas como um fator de crise do regime relacional e posicional das unidades da *langue*, a analogia como "*phénomène de transformation intelligente*"⁵, a tensão entre a arbitrariedade absoluta e arbitrariedade relativa) e, por outro lado, enfatizou – com o apoio dos progressos da filologia – as atitudes inovadoras, até determinar uma nova distribuição dos pesos no campo da exegese saussuriana.

Este é o caso da relevância que, à luz de novos documentos, adquire a noção de *tempo*, não tanto como quadro ou "moldura" (Benveniste)⁶ de eventos linguísticos, mas como um ator intrínseco ao *objet langue* e protagonista do equilíbrio entre continuidade e transformação que o domina⁷. Reapresenta-se, assim, em termos renovados, a clássica questão saussuriana da identidade sincrônica do "*fait du langage*"⁸: é o **fator tempo** que lança o evento linguístico em um "*tourbillon de signes*"⁹ do qual este emerge só ilusoriamente dotado de

Historical roots of linguistics theories, editado por L. Formigari e D. Gambarara, John Benjamins, Amsterdam-Philadelphia 1995; cf. também Fehr, *Saussure entre linguistique et semiologie*, cit., 146-179 e mais recentemente M. De Palo, *Saussure e il soggetto parlante*, em *La lezione di Saussure*, editado por A. Elia e M. De Palo, Carocci, Roma 2007, 115-139. Diversas abordagens sobre o sujeito falante em linguística e em filosofia são objeto dos ensaios reunidos em "Langages" (*Le sujet entre langue et paroles*, éd. par C. Normand), LXXVII, 1985.

⁵ Saussure 2002: 160 (da segunda conferência genebrina, novembro de 1891). O texto das três conferências com as quais Saussure inaugurara o ensino em Genebra (publicado em *CLG/E*, n. 3283-3285, IV fasc. e reunido em Saussure 2002: 143-172) revisto e traduzido por E. Fadda, *Lingua e mente sociale. Per una teoria delle istituzioni linguistiche a partire da Saussure e Mead*, Bonanno, Acireale-Roma 2006, 83-122.

⁶ "O tempo não é o fator da evolução, é apenas sua moldura"; É. Benveniste, *Tendenze recenti nella linguistica generale* (1954), em *Problemi di linguistica generale* (1966), il Saggiatore, Milano 1971, 9-25: 11.

⁷ "Se houvesse apenas esse fato, que cada coisa na *langue* deve ser considerada separadamente em sua época e através do tempo, sem dar a nenhum dos dois pontos de vista a menor preeminência sobre o outro, a linguística seria uma ciência relativamente simples, ainda que bem diferente por essa única separação [...] disso que dissemos. O problema é que não há, como se imagina, uma coisa que possa ser considerada, ao mesmo tempo, 'em sua época' e 'através do tempo', mas acontece que a própria determinação das coisas a considerar, em cada época e através do tempo, depende de dados diferentes e exige uma argumentação sobre cada dado" Saussure 2005: 99 [*ED*, § 29i]. O tempo saussurianamente redescoberto está no centro do generoso trabalho exegético de A.-J. Petroff, *Saussure: la langue, l'ordre et le désordre*, L'Harmattan, Paris 2004; a dialética entre *continuité* e *mutabilité* da *langue* é um dos objetos explícitos da primeira conferência genebrina (Saussure 2002: 143-156; Fadda, *Lingua e mente sociale*, cit., 85-99) e é indicado por De Mauro como o início da reflexão saussuriana (*Saussure in cammino*, em *La lezione di Saussure*, cit., 19-32: 19-22).

⁸ Godel 1957: 136. Cf. também Saussure 1967: 131, 434-435, n. 216; Saussure 1967: 23, 385-389, n. 65.

⁹ "Tous [os psicólogos] sans exception se figurent la langue comme une forme fixe, et tous aussi sans exception comme une forme conventionnelle. Ils se meuvent très naturellement dans ce que j'appelle la tranche horizontale de la langue, mais sans la moindre idée du phénomène socio-historique qui entraîne le tourbillon des signes dans la colonne verticale et défend alors d'en faire

substância. Este singular devaneio que se experimenta quando se tem de lidar com grandezas de ordem linguística implica, por sua vez, o papel epistemologicamente fundador do ponto de vista do observador¹⁰ e configura o princípio da dualidade essencial do fenômeno linguístico¹¹. Tudo isso converge na definição da primazia do falante: isto que se pode qualificar como *concreto* na *langue* é produto de interações complexas de forças físicas, fisiológicas e mentais¹² e a realidade linguística se dá somente no momento no qual o indivíduo projeta a sua subjetividade de falante.

O objeto das páginas que seguem apresenta-se neste contexto: reconquistada a centralidade do sujeito falante em Saussure, propõe-se uma tentativa de elucidar o papel do lado receptor, à procura dos requisitos e das habilidades interpretativas e das faculdades especificamente receptoras, com a finalidade de avaliar a função no âmbito da sistematização saussuriana.

1. “SUPONHAMOS, ENTÃO, DUAS PESSOAS QUE CONVERSAM”¹³

O lugar natural da apresentação (também iconográfica) do receptor no *corpus* saussuriano é o esquema do ato comunicativo interindividual – “o

ni un phénomène fixe ni un langage conventionnel, puisqu’il est le résultat incessant de l’action sociale, imposé hors de tout choix”; Saussure 2002: 102 (*Anciens Item = CLG/E*, n. 3309).

¹⁰ “Ora, existe isso de primordial e inerente à natureza da linguagem que, por qualquer lado que se tentar abordá-la – justificável ou não – não se poderá nunca descobrir *indivíduos*, ou seja, seres (ou quantidades) determinados por si mesmos sobre os quais se opere *depois* uma generalização. Mas há ANTES DE TUDO a generalização, e não existe nada fora dela: ora, como a generalização pressupõe um *ponto de vista* que sirva como critério, as primeiras e mais irreduzíveis entidades com as quais pode ocupar-se o linguista são já o produto de uma operação latente do espírito. Disso resulta imediatamente que toda a linguística se reduz não a [*identificar fatos concretos*] mas, materialmente, à discussão dos pontos de vista legítimos: sem os quais não existe objeto”; Saussure 2005: 14-15 [*ED*, § 3a] (a inserção é de De Mauro; Saussure 2005: 15, n. 19).

¹¹ “O dualismo profundo que integra a linguagem não está no dualismo do som e da ideia, do fenômeno vocal e do fenômeno mental [...]. O dualismo está na dualidade do fenômeno vocal COMO TAL, e do fenômeno vocal COMO SIGNO – do fato físico (objetivo) e do fato físico-mental (subjetivo) e de maneira alguma na dualidade do fato ‘físico’ do som em oposição ao fato ‘mental’ da significação”; Saussure 2005: 11 [*ED*, § 2d].

¹² “[...] le langage n’offre sous aucune de ses manifestations une substance, mais seulement des *actions* combinées ou isolées de forces physiologiques, psychiques, mentales: et [...] néanmoins toutes nos distinctions, toute notre terminologie, toutes nos façons de parler sont moulées sur cette supposition involontaire d’une substance”; R. Godel, *Notes inédites de F. de Saussure*, em “Cahiers Ferdinand de Saussure”, XII, 1954, 49-71: 55 (a nota da qual é extraída a passagem é estreitamente ligada ao parágrafo 5b de *ED*, em Saussure 2005: 27-28; conforme abaixo).

¹³ Saussure 1967: 21.

embrião da linguagem” (Saussure 1967: 23) – conhecido como “circuito da *parole*”¹⁴.

Quando nos apresenta *Monsieur A* e *Monsieur B* engajados em uma conversação, Saussure o faz por meio de fases: ao momento “psíquico” – no qual os “conceitos” (que se encontram ligados no “cérebro” de *Monsieur A* à sua contraparte específica de expressão) ativam as “imagens acústicas” que lhes são associadas – segue o processo “fisiológico” do acionamento do aparelho fonador, que dá substância às “imagens acústicas” na forma de ondas sonoras. Estas, na observância de leis “físicas”, atravessam o meio aéreo e alcançam finalmente o ouvido de *Monsieur B*. A estimulação auditiva dispara um processo homólogo ao precedente, mas orientado “em uma ordem inversa” (*ibid.*): do ouvido ao cérebro, do fisiológico ao psíquico. Consuma-se, assim, uma inversão do circuito e se *Monsieur B* quiser replicar, o circuito se repetirá e “*le passage de la bouche <d’un monsieur A> à l’oreille <d’un monsieur B> et réciproquement sera toute la vie de la langue*” (CLG/E, n. 142 [II R], segundo curso, em Saussure 1967-1974).



Figura 1: Circuito da *parole* (Saussure 1967: 21)

Na ilustração do texto, a página do CLG inclui o célebre esquema dos dois perfis de *Monsieur A* e *Monsieur B* que estão face a face ligados por boca e ouvido por dois vetores distintos tracejados¹⁵ e um diagrama que sintetiza e evidencia graficamente as passagens físicas (“ondas sonoras”), fisiológicas (“fonação e

¹⁴ *Ivi*: 21. O texto do CLG se baseia em três aulas do terceiro curso (a segunda, 4 de novembro de 1910, e as de 25 e 28 de abril de 1911); cf. *SM*, em Godel 1957: 77, 82; Saussure 1967: 384, n. 59.

¹⁵ Detalhe que evoca de forma suspeita os canais de uma comunicação telefônica; conforme abaixo.

audição”) e psíquicas (“imagens acústicas e conceitos”) (Saussure 1967: 21) que marcam o ato comunicativo¹⁶.

A exibição da natureza diversa das fases de interação linguística é funcional, no deslocamento da passagem apresentada pelos Editores, na definição do lugar da *langue* em relação à linguagem (“[A *langue*] é um objeto bem definido no conjunto heteróclito dos fatos de linguagem. Pode-se localizá-la na parte determinada do circuito na qual uma imagem auditiva se associa a um conceito”) (ivi: 24) e à primeira apresentação da distinção entre *langue* e *parole* (ivi: 23-27).

Saussure passa a extrapolar as antinomias significativas sobre as quais são construídos os esquemas (ivi: 22): externo/interno (propagação física das ondas sonoras e elaboração cerebral), psíquico/fisiológico e, inclusos na esfera psíquica, processos “ativos” em oposição a processos “passivos”. A atitude passiva das operações que caracterizam o lado receptivo é claramente marcada e é ainda mais enfatizada pela introdução de duas novas categorias: “pode-se chamar executivo tudo que é ativo (**conceito** → **imagem acústica**) e receptivo tudo o que é passivo (**imagem acústica** → **conceito**)” (*ibid.*). A audição marca a fronteira não só entre o externo e o interno, mas também entre o que é ativo e o que é passivo: ouvido adentro, se está no domínio da passividade, este é o único detalhe que parece marcar a identidade de *Monsieur B* em relação a *Monsieur A*.

O esquema do circuito da *parole* é construído, de fato, segundo uma simetria evidente: *Monsieur A* e *Monsieur B* são especularmente idênticos e dividem de maneira uniforme o espaço; do mesmo modo os atos comunicativos dos quais são responsáveis, são entendidos como ligados por uma lógica simétrica e não descontínua que vê o momento produtivo e o receptivo participarem do mesmíssimo mecanismo, diferenciando-se somente pela alternância de destino e centro de produção: a recepção da *parole*, em particular, parece um retorno, um

¹⁶ As fontes manuscritas desta passagem (CLG/E, n. 196 [D 174, S 2.5, III C 266]), reportam unanimemente apenas o esboço dos perfis dos dois personagens: o texto de todo o segundo parágrafo do CLG, em Saussure 1967: 21 (que traduz o esquema em palavras), deve ser considerado trabalho dos Editores. Pode-se notar que o segmento curto que une, em A e B, o ouvido ao centro do cérebro está presente exclusivamente na página do CLG; os alunos traçam apenas dois arcos de setas pontilhadas que ligam alternadamente o ouvido à boca dos dois personagens: a opção ‘psíquica’ está ausente do esquema original. Isso aparece apenas no diagrama mostrado na página seguinte, no qual o psíquico toma a forma estilizada de um círculo, ‘centre associatif’, que aproxima ‘image verbale’ a ‘concept verbal’ (é somente em relação a essa segunda ilustração que a referência à dimensão psíquica presente no texto do CLG, Saussure 1967: 22, é confirmada pelas fontes; cf. CLG/E, n. 199-211), em Saussure 1967-1974.

caminho para trás, quase uma decodificação. Na homologia essencial dos mecanismos produtivo e receptivo, por conseguinte, a recepção é determinada como o reflexo, passivo e devido, da produção.

Sob esse aspecto, o circuito da *parole*, ao propor uma descrição do ato comunicativo interindividual na forma de uma cadeia de conexões entre cérebros, bocas e ouvidos, sugere um modelo linear e progressivo da recepção que não se opõe ao esquema da comunicação concebido por Shannon e Weaver, no qual – aos olhos de uma de abordagem matematizada da informação – o caminho da “mensagem” é descrito no seu avanço retilíneo: através de eventuais barreiras de “ruído”, o “sinal” se coloca em uma “fonte de informações” até o extremo da sua “destinação”¹⁷.

A vantagem da representação saussuriana (que também deve ser avaliada por uma perspectiva da história das ideias linguísticas¹⁸) é aquela de apresentar com evidência (também gráfica) como o orgânico da cena comunicativa preveja ao menos dois indivíduos – um emissor e um receptor¹⁹. Saussure atribui uma

¹⁷ Claude E. Shannon (1916-2001) e Warren Weaver (1894-1978), engenheiros do *Bell Telephone Laboratoires* (New Jersey, EUA), desenvolveram seu modelo matemático com a finalidade prática de medir a *quantidade* de informação submetida à transmissão, no âmbito do projeto de um sistema telefônico o mais eficiente possível (cf. C. E. Shannon, W. Weaver, *La teoria matematica della comunicazione* [1949], trad. it. por P. Cappelli, ETAS, Milano 1993). A referência a este modelo em relação ao circuito da *parole* é abordado primordialmente por Tullio De Mauro em *Introduzione. Antico e nuovo nello studio della comprensione* (1994), em *Capire le parole*, Laterza, Roma-Bari 2002, 11-12 e *passim*.

¹⁸ A integração em um único esquema de momentos de naturezas diversas agindo em colaboração funcional no ato comunicativo parece completamente inédita. Uma conexão contemporânea – mas sustentada de outras intenções – foi indicada por Marina De Palo (*La conquista del senso. La semantica tra Bréal e Saussure*, Carocci, Roma 2001, 196, n. 24) no chamado *circuit de la reconnaissance* de Henri Bergson (*Matière et mémoire*, em *Œuvres*, éd. par A. Robinet, PUF, Paris 1959, 161-382: 261). Quanto ao pressuposto teórico em que se baseia o modelo saussuriano (o sucesso da comunicação verbal está na transferência bem-sucedida de entidades significativas da mente de um indivíduo para a de outro), isso é compartilhado – para manter-se no Ocidente, e se a generalização é lícita – do clássico se não aristotélico, pelo menos agostiniano (o achado de um trecho exemplar, retirado de *Sermo* 293,3, deve-se a Sebastiano Vecchio, *Le parole come segni: introduzione alla linguistica agostiniana*, Novecento, Palermo 1994, 97: “Se penso no que vou dizer, já existe uma palavra dentro de mim; mas se eu quiser falar contigo, eu tento de maneira que também esteja em teu coração o que já está no meu. Buscando como possa chegar a ti e encontrar lugar no teu coração, a palavra que já ocupa o meu, assumo a voz e servindo-me disso falo contigo). Na filosofia moderna, a sistematização da redução da comunicação verbal à tradução psíquica é obra de John Locke (1632-1704) (“upon hearing [palavras como *man*, *horse*, *sun*, *water*, *iron*] everyone who understands the language frames in his mind a combination of those several simple ideas which he has usually observed, or fancied to exist together under that nomination”; *An Essay concerning human understanding* [1690], ed. by A. Campbell Fraser, Clarendon Press, Oxford 1894, II, 23,6). Sobre Locke, o linguista, cf. R. Simone, *Seicento e Settecento*, in *Storia della linguistica*, editado por G. C. Lepschy, vol. II, il Mulino, Bologna 1990, 343-350; L. Formigari, *Linguistica ed empirismo nel Seicento inglese*, Laterza, Bari 1970, 173 ss.

¹⁹ A afirmação de que aquilo que distingue a *langue* das demais instituições sociais seja sua natureza de troca (“échange”) interindividual encontra-se já em notas que remontam a primeira metade dos anos 1890 (*CLG/E*, n. 3292, IV, fasc. [N 6]).

relevância teórica geral substancialmente inédita à alternância dialógica: a identificação da interação linguística como um “circuito” faz alusão ao movimento pendular e recursivo que depois se revela, portanto, como a sua natureza essencial.

Em suma, o que caracteriza o receptor na cena comunicativa saussuriana, cuja restituição se dá pelo circuito da *parole*, é de fato a atitude passiva de sua tarefa: o arranjo simétrico apresenta *Monsieur B* como a imagem espelhada de *Monsieur A*, e uma substancial homologia operacional liga os momentos produtivo e receptivo.

2. QUANDO E COMO O "CIRCUITO DA *PAROLE* " ENTRA EM CURTO

Já à luz da elaboração do CLG, e ainda mais pelos textos originais publicados recentemente, pode-se complicar, e muito, este estado de coisas.

O pressuposto do modelo linear de interação linguística, e o conseqüente papel simplificado do receptor, são postos em crise por uma série de observações genuinamente saussurianas frente a uma disposição ativa do lado receptivo do falante em seu trabalho de interpretação dos atos de *parole*.

Semioticamente, a tarefa solicitada a *Monsieur B* não é redutível a uma simples operação de decodificação.

A mecânica semiótica prevê que *Monsieur A* produza – com vontade de significar – uma perturbação física do estado de quietude do ar, alguma coisa de fato material que se coloque no plano da expressão (uma *fonía*); esta seqüência de ondas sonoras não se perde no rumor, no caos circundante, mas é interceptada pelo ouvido de *Monsieur B* e reconhecida como membro de uma classe de eventos sonoros “semelhantes” – classe que corresponde diretamente a uma outra classe, que por sua vez reúne todos os *sentidos* semelhantes pretendidos e expressos por *Monsieur A*.

A formalização terminológica introduzida por Saussure nas duas semanas sucessivas à apresentação do circuito da *parole*²⁰ torna mais rigoroso o funcionamento deste dispositivo semiótico. Definida como *signifiant* a classe das fonias e como *signifié* a classe dos sentidos, a correta formulação da posição

²⁰ SM, em Godel 1957: 85; CLG/E, n. 1083-1084, em Saussure 1967-1974; Saussure 1967: 83, 408, n. 128.

saussuriana deveria ser²¹: *signifiant* é a classe das fonias em condições de fornecer expressões a um mesmo *signifié*; *signifié* é a classe dos sentidos em condições de ser expressa por um mesmo *signifiant*.

O que interessa aqui é ver como a operação da redução da fonia de *Monsieur A* – o único objeto dado – a integrante de uma determinada classe é cumprida à mercê de um código, neste caso, um protocolo de correspondência, do qual *Monsieur B* é considerado, de certo modo, familiar.

A especificidade semiótica do circuito da *parole* consiste no fato bastante peculiar de que esse código não é dado nem antes nem externamente ao seu uso pelas partes interessadas (como acontece, por exemplo, no caso de Morse ou Braille), mas que seja obtido, ativado e transmitido pelos mesmos sinais objeto da sua codificação²².

Se a isso se adicionar o fato de que a arbitrariedade radical confere virtualmente, a qualquer aspereza da substância, a capacidade de recortar unidades – tornando, portanto, impossível a dedução do significado apenas pelo sinal –, fica claro como a natureza do envolvimento de *Monsieur B* no ato de *parole* interindividual não pode, a rigor, exaurir-se em uma tarefa de *decifração*: *Monsieur B* é chamado a fazer suposições sobre a configuração do sistema de classificação, é chamado à construção contínua do código e à sua contínua confirmação pragmática no campo da intercompreensão. Estas tarefas não só vão muito além de uma rotina de decodificação, mas também envolvem trabalho ativo e criativo, a ser realizado totalmente por parte do receptor.

Excluída a conotação de passividade, é a mesma página do CLG que atribui uma especial atitude operativa ao momento “receptivo” do “centro de associação” no circuito da *parole*:

²¹ Se atribui a Saussure os efeitos na linha interpretativa Hjelmslev-Burger-Prieto-De Mauro; as etapas desta filiação e os frutos exegéticos gerais encontram-se no CLG, em Saussure 1967: 440, n. 231, retomado por T. De Mauro, *Ancora Saussure e la semantica*, em “Cahiers Ferdinand de Saussure”, VL, 1991, 101-109 (também em *Capire le parole*, cit., 119-126) e mais recentemente confirmada em *Lezioni di linguistica teorica*, Laterza, Roma-Bari 2008, em particular p. 27-48; para uma visão alternativa cf. R. Petrilli, *La bifaccialità del segno linguistico*, em *Ai limiti del linguaggio*, editado por F. Albano Leoni, D. Gambarara, S. Gensini, F. Lo Piparo, R. Simone, Laterza, Roma-Bari 1998, 79-96.

²² A explicação da ausência de um metacódigo no regime do circuito da *parole* e no das línguas histórico-naturais se deve a Daniele Gambarara (*Il circuito della parole e il modo di riproduzione delle lingue*, em *Scritti saussuriani per Robert Godel*, editado por R. Amacker, T. De Mauro e L. J. Prieto, il Mulino, Bologna 1974, 133-164) que, com a ajuda do rigoroso aparato prietiano, acompanha os efeitos na transmissão e aprendizagem da *langue* pelo falante.

é através do funcionamento das faculdades receptiva e coordenativa, que se formam nos sujeitos falantes as marcas que terminam por ser sensivelmente as mesmas em todos²³.

Além das importantes implicações que dizem respeito em particular ao instalar-se da *langue* na dimensão social (o que ocorreria por meio de algum tipo de “média”)²⁴, este esclarecimento escancara o ingresso (reclamando o estatuto de “marca”) às habilidades eminentemente receptivas, e de natureza interpretativa do falante, que – a esfera psíquica identificando-se como o lugar da *langue* – estão inscritas no centro da concepção saussuriana.

Se trata de fato da primeira alusão presente no CLG àquela modalidade de combinação das entidades linguísticas que será apresentada (Saussure 1967: 152-153; *CLG/E*, n. 1983-1993, em Saussure 1967-1974) como “relações associativas”²⁵: ao lado das relações ancoradas sobre o “caráter linear da língua” (com o qual compartilham a extensão temporal “sob a cadeia da *parole*”), as entidades linguísticas se reúnem também segundo modalidades transversais, reagrupando-se “na memória” e dando lugar a “famílias associativas” [que] não se apresentam nem em número definido nem em uma ordem determinada” (*ibid*).

²³ Saussure 1967: 23.

²⁴ *Ibid*. A dialética entre uma concepção da *langue* como condição de intercompreensão (e, portanto, de relevância *social*) e a natureza de fato concreta da sua presença no indivíduo (“a *langue* existe na coletividade sob forma de marcas depositadas em cada cérebro”; Saussure 1967: 29) é um dos pontos mais delicados da visão saussuriana e abordados pela crítica: basta assinalar como nos apontamentos da segunda aula do terceiro curso, no lugar sensível de uma importante definição, a *langue* se encontre contraposta à *faculté de langage* e não à *parole* como reportado na passagem do CLG correspondente (Saussure 1967: 23): “Quand on a séparé la langue de la faculté de langage, on a séparé : 1. ce qui est social de ce qui est individuel. 2. ce qui est essentiel de ce qui est plus ou moins accidenté”; *CLG/E*, n. 41 [III C], terceiro curso, em Saussure 1967-1974.

²⁵ A reformulação que Louis Hjelmslev (1889-1965) apresentou como “relações paradigmáticas” (cf., por exemplo L. Hjelmslev, *Le langage* [1963], Éditions de Minuit, Paris 1966, 56 ss.), apontando para o valor morfológicamente sistêmico dos conjuntos potenciais evocados por Saussure (eliminando a referência à insondabilidade do trabalho psíquico subjetivo), tornou-se um exemplo de leitura científica e autonomista da linguística saussuriana. Pode-se, prontamente, notar como as fontes manuscritas reportam, para o segundo curso, no mesmíssimo lugar até mesmo o uso de “*intuitif*” (cf. *SM*, em Godel 1957: 73, n. 76: “Toute étude synchronique se ramène ainsi à la théorie des syntagmes et à la théorie des associations [...] On pourrait dire *discoursif* pour syntagmatique, *intuitif* pour associatif”; o trecho é reproduzido com precauções filológicas e traduzido em Saussure, *Introduzione al secondo corso di linguistica generale*, cit., 88-92). Em *ED* uma noção completamente análoga aparece com os termos “paralelismo” e “*parole* potencial” (em oposição a “*sintagma*” como “*parole* efetiva”; Saussure 2005: XVII, 66-68; n. 64 e 82). É em virtude da incontornabilidade e da amplitude do espectro da explosão de associações possíveis que, em total consonância com o sugerido no CLG, as “associações livres” de palavras nas análises do Witz e do *lapsus* ou na solicitação direta do sujeito constituem (também cronologicamente) a metodologia prioritária de acesso às dinâmicas do inconsciente na perspectiva psicanalítica freudiana ortodoxa.

É exatamente esta nuvem de associações imprevisíveis que obriga o receptor ao exercício de uma habilidade especial definível, neste caso, como um ir e vir da atenção e da inteligência que, chamado a esboçar e elaborar redes de associações, faz aparecer o modelo da compreensão linear **em estados finitos** (para recuperar um termo turinghiano e chomskiano) implícito na ilustração e na legenda do circuito da *parole*:

Os grupos formados por associação mental não se limitam a aproximar os termos que apresentam alguma coisa em comum; o espírito percebe também a natureza das relações que os ligam em cada caso e cria com isso tantas séries associativas quantas relações diversas existam²⁶.

O reconhecimento das semelhanças oblíquas (tanto superficiais quanto profundas) entre palavras, e a correlativa criação de tantas "famílias associativas" quanto são os parâmetros adotados pela individuação das diversas relações, define a natureza ativa do lado perceptivo do "espírito" do falante.

Nessa direção vão as observações – talvez mais radicais, certamente menos mensuradas – que se encontram em *Essência dupla linguagem*. Aqui, a definição da natureza hipercomplexa da identificação de unidades linguísticas²⁷ é acompanhada por uma tematização original e completa dos fenômenos de sinonímia: se “cada palavra tem sempre valor apenas pela oposição negativa que ocupa em relação às outras” (Saussure 2005: 83 [ED, § 25]), então, “a sinonímia de uma palavra é em si infinita, já que a palavra é definida em relação a uma outra palavra”²⁸.

²⁶ Saussure 1967: 152. A escolha de De Mauro de deixar o original “esprit” com “espírito” é motivada – aqui como nos *SLG* (conforme abaixo, *passim*) – por instâncias de coerência interna e fidelidade ao texto, apesar da tendência do tradutor italiano etimologicamente mais próximo de manter veladas as conotações cognitivas e intelectivas decisivas do termo francês; conforme Saussure 2005: 8-9, n. 6.

²⁷ De acordo com o que prevê a dinâmica de uma ordem *quaternária* (Saussure 2005: XVI, 37 [ED, § 6e], n. 47 e 60). O *quatérnion* (atualmente *hapax* do *corpus* saussuriano) é uma noção algébrica que monta números complexos ordenando-os em um corpo vetorial quadridimensional – Saussure o utiliza como figura do modo de identificar entidades linguísticas derivadas de uma “oposição complicada” (Saussure 2005: 78 [ED, § 22b]); cf. abaixo. Uma recente e profunda análise é a de T. Russo Cardona, *Négativité, récursivité et incalculabilité. Les quaternions dans "De l'essence double du langage"*, em "Cahiers Ferdinand de Saussure", LXI, 2008 [2009], 87-99.

²⁸ Saussure 2005: 87 [ED, § 87] A formulação extrema desta ideia (“em uma língua composta por dois signos, *ba* e *la*, a totalidade das percepções confusas do espírito virá NECESSARIAMENTE para reunir sob o *ba* ou sob o *la*”; Saussure 2005: 100 [ED, § 29j]) encontra ligações em aulas do segundo curso, relatadas pelos alunos e conhecidas pelos Editores, mas não passadas para a redação final do *CLG* (“Si vous augmentez d'un signe la langue, vous diminuez d'autant la signification des autres. Réciproquement, parece impossível em n'avait choisi au début que deux signes, toutes le significations se seraient réparties sur ces deux signes”; *CLG/E*, n. 1190 [D], em Saussure 1967-1974) (cf. também *CLG/E*, n. 1191 [B], em Saussure 1967-1974); “[...] les synonymes *craindre*, *redouter* n'existent que l'un à côté de l'autre: *craindre* s'enrichira de tout le

Diante das observações fonéticas e semântico-morfológicas vem também a Saussure a consciência da extensão do campo das possíveis realizações de fonias e *signifitions*, a evocação de *flottements*²⁹ e de *novations* as quais povoam (“latejam”, Saussure 2005: 125, n. 98) a *langue*, e sobre as quais o ouvido e o *esprit* do falante são chamados a operar suas distinções antes das associações.

Tudo isso leva à recusa mais explícita da ideia do destinatário como responsável pela intercompreensão do universo de formas e relações coexistentes em todo o **sistema**: sinonímia infinita e indefinida variabilidade de fonias e de sentidos abarrotam o falante de uma multidão de formas linguísticas simplesmente incontrolláveis³⁰.

O encontro entre as entidades concretas da *langue* e o sujeito falante acontece, antes de tudo, diz Saussure, através de uma modalidade **ampla** ou **particular** (segundo “uma referência [...] regional ou local”; De Mauro, em Saussure 2005: XXII), que faz com que seja suficiente evocar as entidades mais próximas (as “outras”, e não “todas”, cf. *ivi*: 32, n. 38) para completar o processo de compreensão dos enunciados:

Como não há nenhuma **unidade** (de qualquer ordem e de qualquer natureza que se imagine) que se apoie sobre outra coisa senão **diferenças**, na realidade, a unidade é sempre imaginária, existe só a diferença. No entanto, somos forçados a prosseguir com a ajuda de unidades positivas, sob pena de no princípio ser incapaz de controlar a massa dos fatos³¹.

Estas unidades positivas são fruto do exercício da especial habilidade metalinguística de “pós-meditação-reflexão” (Saussure 2005: 100-101 [*ED*, § 29j]) que, através da materialização das formas linguísticas, elevando-as da sua

contenu de *redouter* tant que *redouter* n'existera pas. Il en serait de même de *chien*, *loup*, quoiqu'on les considère comme des signes isolés”; *CLG/E*, n. 1881[II R 19] (segundo curso) a ser comparado com “*chien* désignera le loup tant que le mot loup n'existera pas”; *CLG/E*, n. 1881. [G] (não faltam exemplos felinos: “Ainsi on a un nom pour la panthère <qui signifie> ailleurs le chat. On croira à la coïncidence. Mais qui dira si l'animal dénommé primitivement était chat ou panthère?” *CLG/E*, n. 3221, fasc. IV [N 8], em Saussure 1967-1974). No *CLG* esta argumentação tem relevância menor, ligada ao simples exemplo dos sinônimos *craindre*, *redouter* e *avoir peur* (Saussure 1967: 141).

²⁹ “A latitude que existe no seio de um dos valores reconhecidos pode ser chamada “flutuação”. Em todo estado de *langue* há *flutuações*”, em Saussure 2005: 33 [*ED* § 6d]; cf. também *ivi*: 39, 79 [*ED* §§ 7, 22b].

³⁰ “Querir exaurir as ideias contidas em uma palavra é uma tarefa perfeitamente quimérica. [...] [Se se tenta] exaurir aquilo que é contido em *sprit* “espírito” em oposição à *âme* “alma” ou *pensée* “pensamento” [...] poderia passar sem exagero uma vida inteira”; Saussure 2005: 87 [*ED*, § 27].

³¹ Saussure 2005: 94 [*ED*, § 29b]. Cf. também Saussure 2005: XIX-XXIV, 26, n. 33.

circulação primária, permite sua **reutilização**, a nova “integração” (*ibid.*) no cenário linguístico concreto.

A sobreposição do pragmático sobre o sistêmico define uma versão fraca da sistematicidade da *langue*. Esta, se de um lado parece o tributo feito à figura do sujeito (falante e, neste caso, interpretante) que, indivíduo biologicamente determinado e, portanto, dotado de habilidades limitadas, exerce a sua pressão sobre a *langue* dotando-a de uma organização sistêmica somente tendencial, por outro lado compromete o tipo calculista e invalida definitivamente a opção linear e progressiva da compreensão.

De fato, se o regime de um modelo completamente sistêmico e calculista requer do intérprete disponibilidade simultânea – *in praesentia*, por assim dizer – do inventário inteiro das relações e das entidades objeto das interrogações³², a abordagem por **proximidade orbital** configura não um cálculo, mas uma **estratégia** probabilística de compreensão.

Desta vez é a substituição de uma moldura sistemática com uma dinâmica estratégica, e a consequente concepção da intercompreensão como conquista e não como produto, a romper idealmente o circuito da *parole*, assim como apresentado no CLG, na sua função do modelo de interação linguística.

3. DA IMAGEM ACÚSTICA À CONSCIÊNCIA DO FALANTE

Orientado quanto à distinção e à ilustração das fases da troca verbal interindividual ao final do enquadramento da esfera psíquica como sede da *langue*, o circuito da *parole* termina, portanto, por não incorporar – ou pelo menos por não fazê-lo de maneira muito evidente – as consequências que no plano da compreensão nos levariam a abraçar a visão saussuriana em sua complexidade.

Por outro lado, o circuito da *parole* chama a atenção para o lado perceptivo nada accidental e não escapa de profundas implicações teóricas: o estatuto de “acústico” para um dos elementos do “centro associativo” revela todo o peso que o lado receptivo, em sua natureza de depósito psíquico de marcas sonoras, assume na concepção saussuriana.

³² Argumento explorado no contexto da gramática gerativa por F. Lo Piparo, *Linguaggi, macchine e formalizzazione*, il Mulino, Bologna 1974: 91 e *passim*.

Este aspecto é resumido claramente em uma passagem da resenha crítica de Joseph Vendryes (1875-1960) ao CLG:

F. de Saussure subordina o fenômeno fonético ao fenômeno acústico. É através do ouvido que o sujeito falante adquiriu a *langue*; a imagem inicial impressa no seu cérebro é uma imagem acústica. A fonação é nada mais do que a execução de imagens acústicas. A isso segue que a imagem muscular do ato fonatório seja secundária; e que o estudo do mecanismo da articulação possa ficar de fora do estudo da *langue*³³.

A escolha da fórmula “imagem acústica” para designar o “traço psíquico” do som – contraparte essencial do “conceito”³⁴ – aparece definitivamente completa no terceiro curso: ainda nas aulas de apresentação do circuito da *parole*, o “centre associatif” une a um “concept verbal” uma “image verbale”³⁵. A substituição dessa “image acoustique” é precedida, nas notas dos estudantes, de esclarecimentos no sentido de atribuir a “image”, que é proposta metaforicamente como **figura** e então – segundo a interpretação que se segue aqui – como campo das fonias, isto é, “classe de possíveis configurações” da substância acústica (De Mauro, em Saussure 1967: 419, n. 145)³⁶.

Por outro lado, mesmo que a questão das oscilações de uso de “acoustique” no CLG tenha dado origem a uma série de mal-entendidos³⁷, as fontes

³³ A passagem é valorizada por Herman Parret, que a toma como ponto de partida de uma síntese pessoal que percorre as ocorrências de “tempo” e “fonema” nos manuscritos autográficos de Harvard (Saussure, *I manoscritti di Harvard*, cit.: 15-31, de onde é retirada a versão apresentada aqui, p. 16-17). Passagens selecionadas da resenha crítica de J. Vendryès (*Le caractère social du langage et la doctrine de Ferdinand de Saussure*, em “Journal de Psychologie normale et pathologique”, XXVIII, 1921, 617-624) são reimpressas em *Avant Saussure: choix de textes*. 1875-1924, éd. par C. Normand, P. Caussat, J.-L. Chiss, J. Médina, C. Puech, A. Radzynski, Éditions Complexe, Bruxelles 1978, 166-169.

³⁴ “O signo linguístico une não uma coisa e um nome, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta última não é o som material, coisa puramente física, mas o traço psíquico desse som, a representação que nos é dada pelo testemunho de nossos sentidos”; Saussure 1967: 83-84 (CLG/E, n. 1094-1096, em Saussure 1967-1974).

³⁵ CLG/E, n. 196-211, em Saussure 1967-1974; cf. SM, em Godel 1957: 82, n. 112 e 192.

³⁶ “En général, une image a un lien avec la chose qu’elle représente. [...] Il faut qu’il soit entendu que nous prenons *image* au sens le plus général, mais au sens de *figure* ayant quelque pouvoir évocateur [...]. Plus tard, nous verrons cette image devenir beaucoup plus précisément évocatrice, et c’est au nom de ce fait, qui n’est pas primaire, que nous garderons cette expression”; CLG/E, n. 1138 (SM, em Godel 1957: 192 [D 189]); SM, Godel 1957: 82, n. 114. A expressão “imagem acústica” também pode refletir um elenco de origem steinthaliana, “Lautbild”, noção com a qual compartilha o sentido técnico de resíduo psíquico de estimulações auditivas (cf. M. De Palo, *Antipsicologismi a confronto. Saussure e Frege*, em *Il linguaggio: Teoria e storia delle teorie, in onore di Lia Formigari*, editado por S. Gensini e A. Martone, Liguori, Napoli 2006, 195-222:205).

³⁷ Conforme De Mauro reconstruiu em Saussure 1967: 401-404, n. III e 113. No lugar citado por De Mauro para confirmar a acepção receptiva de “acoustique” (“il y a deux côtés dans l’acte phonatoire: a) le côté articulatoire (bouche, larynx), b) le côté acoustique (oreille)”; CLG/E, n. 715), podemos acrescentar uma passagem em que as duas acepções auditiva e psíquica coexistem intimamente: “mais il y a l’impression acoustique qui ne rentre pas dans [a] physiologie [scil. a impressão psíquica] [...] il y a aussi un côté acoustique qui rentre également dans [a] physiologie [scil. a impressão auditiva]”; CLG/E, n. 642, em Saussure 1967-1974; cf. SM, em Godel 1967: 253.

manuscritas indicam progressivos ajustes terminológicos pontuais na direção de uma consciência teórica suficientemente clara: aqui, por um lado, é expressamente censurado o sintagma “image vocale”³⁸ e, por outro, a ambiguidade do termo “acoustique” (inclina a deixar, seja o momento da propagação física do som, seja o da sua recepção, determinados fisiologicamente) parece definitivamente resolvida com a adoção do menos equivocado “auditif”³⁹ (este também não utilizado antes do terceiro curso; ver *SM*, em Godel 1957: 162, 255).

Se graças a essas manobras filológicas pode-se preencher a fórmula *imagem acústica* de acepções, preocupações e relevâncias enfatizando o lado receptivo, nuances ainda mais nítidas surgirão, tudo indica, na exploração de textos anteriores aos três cursos de linguística geral.

Como acontece frequentemente no território saussuriano, é na análise linguística mais tecnicamente orientada que aparecem e ganham forma noções que imediatamente denunciam a sua ambição teórica geral.

Cronologicamente, as primeiras observações fundamentadas e conscientes sobre o valor e o papel do lado receptivo do fenômeno sonoro remontam ao menos aos tempos do tratado de fonética, cujos esboços são confiados aos cinco cadernos de Harvard que datam de 1883-1884⁴⁰.

Nas fontes – para completar – há também o significado especificamente físico: “le son articulé n'est pas régi seulement par les lois acoustiques”; *CLG/E*, n. 3348 [R 1.4], primeiro curso.

³⁸ *CLG/E*, n. 1105; *SM*, em Godel 1957: 82, n. 114 e 162, n. 108. “Image vocale” aparece no caderno das notas em homenagem a Whitney (dezembro de 1894): “Il n’y a point d’image vocale qui reponde plus qu’une autre à ce qu’elle est chargée de dire”; Saussure 2002: 219 = *CLG/E*, n. 3297: 33, fasc. IV [N 10]. O atributo “vocal” é prevalente em *ED*; conforme abaixo.

³⁹ “Tomemos, em primeiro lugar, a significação [...]. Esta é [...] nada mais do que a contraparte da imagem auditiva. Tudo acontece entre a imagem auditiva e o conceito, nos limites da palavra considerada como um domínio fechado, existente por si mesmo”; Saussure 1967: 139; “[...] l’image auditive vient s’associer à un concept”; *CLG/E*, n. 252, terceiro curso, em Saussure 1967-1974.

⁴⁰ A datação é a proposta por Maria Pia Marchese em Saussure, *Phonétique*, cit.: XXIV-XVII; Roman Jakobson, o primeiro a divulgar a consistência e o conteúdo desses materiais, situa-os nos primeiros anos de ensino genebrino, depois de 1891 (*Saussure’s unpublished reflections on phonemes*, em “Cahiers Ferdinand de Saussure”, XXVI, 1969, 5-14: 10). A elaboração das notas fonéticas harvardianas (cujos elementos externos e internos se vinculam ao material editado em *CLG/E*, n. 3302-3305, IV fasc., ver em particular a N 14) pode reconduzir às críticas de Hermann Osthoff (1847-1909) (*Die Tiefstufe im indogermanischen Vokalismus*, in *Morphologische Untersuchungen auf dem Gebiete der indogermanischen Sprachen*, hrsg. v. K. Brugmann, H. Osthoff, vol. IV, S. Hirzel, Leipsick 1881) [G. Olms, Hildesheim-New York 1974-1975], p. 1-401: 215, 279, 331, 346-348, em particular p. 285 ss.) ao *Mémoire sur le système primitive des voyelles dans les langues indo-européennes* (Teubner, Leipsick 1879 [rist. F. Vieweg, 1887]): a argumentação da resposta aos ataques de Osthoff acaba se estendendo gradativamente para uma reflexão geral sobre temas fonológicos. Os interesses fonéticos devem ter sido estimulados pela experiência da expedição à Lituânia, no verão de 1880: para não perder os detalhes da pronúncia dos informantes, Saussure, então com 23 anos, elaborou um sistema pessoal de notação fonética

Nesse sentido, se colocam também as numerosas ocorrências nas quais ao *ouvido* é confiada a responsabilidade do juízo de identidade, por exemplo, da sílaba:

*nous sommes forcé [...] d'opérer ici un instant avec le terme de syllabe, pour la [] duquel il est simplement fait appel au jugement de l'oreille*⁴⁷.

Em *ED* (aprox. 1891-1894), o *status* do texto ainda não definitivo e uma formulação terminológica até então distante da postura clássica do CLG testemunham o amplo uso da qualidade de *vocale* atribuída à forma exterior da unidade linguística (paralelo a *signe*; cf. Saussure 2005: XV-XVI; 10, 76, n. 9 e 95). O uso de *vocale* não reflete teoricamente uma oposição consciente entre produtivo/receptivo (muito menos um desequilíbrio do lado articulatório), mas indica o substrato genérico físico-acústico das unidades⁴⁸.

A única evocação do papel do momento receptivo do fenômeno sonoro é acompanhada pela questão da definição das unidades linguísticas, um dos focos recorrentes de *ED*:

Os fatos de *parole*, que, considerados em si mesmos, são os únicos certamente **concretos**, se veem condenados a não significar absolutamente nada a não ser por sua própria identidade ou não identidade. Por exemplo, o fato de que *aka* ser pronunciada por uma determinada pessoa em um determinado lugar e em um certo momento, ou o fato de que mil pessoas em mil lugares e em mil momentos emitam a sucessão de sons *aka*, é absolutamente o único fato dado; mas não é menos verdade que somente o fato ABSTRATO, ou seja, **a identidade acústica destes *aka***, somente isso forma a **identidade acústica *aka***: é verdade que não há como procurar um objeto primeiro e mais tangível do que esse primeiro objeto abstrato⁴⁹.

A indicação é importante e contém os desenvolvimentos posteriores, mas não se estende a uma discussão explícita e circunstanciada.

⁴⁷ Ivi: 62. A passagem é clara, mesmo que a redação não seja dada em uma versão definitiva. A página autográfica traz os vestígios de algumas reformulações: “sentiment” e “témoignage” são apagados para serem substituídos por “jugement”; ver *ibid.*, n. 718. Julgamento está ligado a ouvido também nas p. 30, 70, 90, 99; conforme abaixo.

⁴⁸ “Chamamos *forma* uma figura vocal que é determinada pela *consciência dos sujeitos falantes*”; Saussure 2005: 51 [*ED*, § 10a]; “as figuras vocais que servem de signos não existem nem mesmo na *langue* instantânea. Elas existem naquele momento para o físico, para o fisiologista, mas não para o linguista, nem para o sujeito falante. [...] A figura vocal em si não significa nada”; ivi: 81-82 [*ED*, § 24] (itálicos originais); cf. também p. 11 (“fenômeno vocal”), 19, 23-24, 28-29 (“ser vocal”), 34, 36, 41, 43-46, 49, 75, 99, 106 (“*langue* vocal”, *SLG: Novos Item*). Uma ocorrência curiosa é a de “analyse vocale” recuperada por De Mauro na transcrição diplomática do manuscrito feita por Rudolf Engler (ivi: 73, n. 92 [*ED*, § 21]): parece se tratar, na verdade, de um caso de deslocamento do uso de *vocal* para acepções atribuídas em outros lugares a *acústico*.

⁴⁹ Saussure 2005: 27 [*ED*, § 5b, 2] (itálicos originais).

Na ocasião das três conferências sobre a teoria da sílaba, dadas em Genebra na primavera de 1897, Saussure se encontra novamente às voltas com argumentos fonéticos. Suas declarações seguem o modelo – de maneira previsivelmente menos técnica e mais consequente – das posições já expressas nas notas de Harvard⁵⁰. Pode-se observar como os pontos da argumentação saussuriana sobre o papel primário, fenomenológico e teórico da acusticidade são expressos em formulações particularmente claras:

La meilleure preuve à donner du fait que l'impression acoustique seule a une valeur, c'est qu'il serait parfaitement impossible aux physiologistes eux-mêmes de distinguer des unités dans le jeu de la voix hors des unités préalablement fournies par la sensation acoustique.

[...]

C'est la sensation acoustique seule qui dit qu'il y a ici une unité comme la syllabe, ou qu'il n'y en a pas, ou là, qu'il y a une unité comme le b différente par exemple de l'a, ou qu'il n'y en a pas⁵¹.

Na busca das unidades, a anterioridade da impressão acústica não é apenas empírica: à "*sensation acoustique*" é atribuída a função do princípio heurístico.

No apêndice Princípios de fonologia do CLG (Saussure 1967: 51-80), onde as considerações sobre a primazia do acústico são bem atestadas também pela crítica⁵², encontram-se materiais textuais filologicamente dependentes e argumentações perfeitamente consonantes com o que se constata nas conferências sobre a sílaba. Aqui nos limitamos apenas a acrescentar que nas

⁵⁰ Os materiais atribuídos às conferências – já publicados em *CLG/E*, n. 3302-3305, fasc. IV – estão agora reunidos em Saussure 2002: 236-255.

⁵¹ Saussure 2002: 248 = *CLG/E*, n. 3305.7, IV fasc.

⁵² Estabelecida a partir das anotações das aulas iniciais do primeiro curso (fevereiro-março 1907; *SM*, em Godel 1957: 54, n. 4-6), mas sobretudo a partir do texto das três conferências sobre fonética, de 1897, estenografadas e transcritas por Chales Bally e submetidas a Saussure (em Godel 1957: 26, n. 10), a redação dessa seção do *CLG* se deve provavelmente somente a Bally (ivi.: 97). Entre os estudos, além das notas de De Mauro (Saussure 1967: 401-408, n. 111-127), podemos citar G. Bergonioux, B. Laks, *Portrait de Saussure en phonologie contemporain*, em Saussure, éd. par S. Bouquet, Éditions de l'Herne, Paris 2003, p. 165-177, e mais recentemente, conforme se pode ler no texto presente nessa edição, F. Albano Leoni, *Saussure, la sillaba e il fonema*, em *La lezione di Saussure*, cit., p. 55-85 (com referências críticas a estudos anteriores e um útil glossário fonético saussuriano), ambos apoiados em visões teóricas sólidas (mas não coincidentes). Nesses trabalhos (e em P. Maniglier, *La vie énigmatique des signes. Saussure et la naissance du structuralisme*, Éditions Léo Scheer, s.l. [Paris] 2006, p. 101-127 para o enquadramento de uma síntese geral), consta um relato adequado do conteúdo do Apêndice de fonologia. Merece destaques a análise de Jacques Coursil (*Le syllabaire saussurien. Introduction à la phonologie des groupes*, em "Langages", CXXIX, 1998, p. 76-90) que também se beneficia singularmente da experiência musical.

fontes é perceptível uma certa predileção por “impression acoustique” que evidencia, sem ambiguidade, o efeito psíquico da pressão sonora⁵³.

Na abertura do primeiro dos dois capítulos do apêndice Princípios de fonologia (Capítulo I – *As espécies fonológicas*), a primazia da acusticidade é reforçada no terreno técnico da análise fonética:

Muitos fonologistas ocupam-se quase exclusivamente do ato de fonação, ou seja, da produção dos sons pelos órgãos (laringe, boca etc.), e negligenciam o lado acústico. Este método não é correto: não só a impressão produzida no ouvido nos é dada na mesma medida que a imagem motriz dos órgãos, mas é exatamente essa, também, a base natural de qualquer teoria.

[...]

É da cadeia da *parole* ouvida que se pode imediatamente perceber se um som permanece ou não semelhante a si mesmo: enquanto se tem a impressão de algo homogêneo, o som é único. O que importa não é a sua duração em colcheias e semicolcheias (cf. fâl e fâl), mas a qualidade da impressão. A cadeia acústica não se divide em tempos iguais, mas em tempos homogêneos, caracterizados pela unidade de impressão, e é aqui o ponto de partida natural para o estudo fonológico⁵⁴.

Mesmo se se é forçado a assumir a dimensão articulatória como o único campo de pesquisa praticável⁵⁵, é aquilo que é relevante para o ouvido que seguirá pertinente para a análise:

No ato fonatório que começamos a analisar, levaremos em conta somente os elementos diferenciais, destacados pelo ouvido e capazes de servir a uma delimitação das unidades acústicas na cadeia falada. Somente essas unidades acústico-motrizes devem ser consideradas⁵⁶.

As unidades “acústico-motrizes” (sintagma recorrente somente aqui) são a encarnação em contexto fonético daquele dualismo fundamental que sustenta a interação linguística.

Em suma, nos contextos adequados, Saussure é explícito e mostra-se bastante consciente da coparticipação decisiva do lado acústico-receptivo para a

⁵³ Cf. por exemplo *CLG/E*, n. 333, n. 644-645 (em Saussure 1967-1974) cf. também *SM*, em Godel 1957: 152-153, n. 78 e 264. “Impressão acústica” se encontra no *CLG*, Saussure 1967: 17, para anunciar o Apêndice de fonologia.

⁵⁴ Saussure 1967: 53-54.

⁵⁵ “A delimitação dos sons na cadeia falada pode, portanto, apoiar-se somente na impressão acústica; mas para sua descrição as coisas se apresentam de modo diverso”; Saussure 1967: 55. As notas de Constantin trazem palavras mais precisas “Il est clair que l’appareil vocal a une importance qui peut attirer l’attention plus ou moins exclusive, et quand on aura étudié ce côté phonatoire de la langue on s’apercevra vite qu’à ce côté répond un côté acoustique” (Constantin, *Linguistique générale*, 2005 : 87); “Ce qu’importe c’est l’impression acoustique, non le moyen de la produire” (ivi : 154). “L’acte phonatoire apparaît comme un instrument nécessaire, mais aussi peu essentiel que dans le cas des signaux maritimes, l’acte du teinturier qui aura préparé les drapeaux pour donner l’impression du vert, du rouge, du noir, etc.”; Saussure 2002: 248 (trecho extraído das notas para as conferências).

⁵⁶ Saussure 1967: 70.

definição não somente da “*unité phonatoire*”, mas também da “*entité linguistique*” *tout court*.

A atenção para o lado acústico, no entanto, aparece pouco no CLG, onde se concentra (talvez relegada) no apêndice Princípios de fonologia, acompanhada de uma advertência como sendo estranha à síntese teórica da obra. A relevância do domínio perceptivo na sistematização saussuriana acaba sendo testemunhada quase unicamente a partir do valor que apenas as notas manuscritas permitem atribuir à conotação receptiva da fórmula “imagem acústica”⁵⁷.

Se é levado, então, a reconhecer na ratificação de “acústico” por um dos constituintes essenciais do *signe* saussuriano (junto ao *conceito*)⁵⁸ o extrato das reflexões maturadas nos aspectos técnicos das análises fonéticas.

A natureza receptiva da “imagem acústica”, já imprecisa, é ainda mais ofuscada pela introdução do par *signifiant/signifié*⁵⁹. Isto, se de um lado coroa a visão teórica saussuriana, selando também terminologicamente a concepção da *langue* como forma, por outro lado, termina por manter oculto o critério perceptivo, critério que parece, neste ponto, recuperar a posição saussuriana⁶⁰.

O quadro parece suficientemente claro: é a partir de seu aspecto aural que Saussure aborda o fenômeno sonoro; dada a sequência das realizações fônicas nas quais nas quais se concretiza a cadeia falada, o gesto que leva à sua análise formal baseia-se em *impressões acústicas*, e a *langue* como forma aparece, primariamente, em *Monsieur B*, o ouvinte.

De fato, assim como o ato de *parole* é anterior à fixação da *langue* (“*il n’y a rien dans la langue qui n’y soit entré directement ou indirectement par la*

⁵⁷ “Enfin [la langue] n’a d’essentiel que l’union du son et de l’image acoustique avec l’idée (l’image acoustique c’est l’impression que nous reste)”; Constantin, *Linguistique générale*, 2005: 88.

⁵⁸ Cf. Saussure 1967: 83-84; ver *supra* n. 32.

⁵⁹ Apresentada no final da aula de sexta-feira, 19 de maio de 1911: “Il y aurait avantage à opposer, plutôt que l’image acoustique et le concept le *signifiant* et le *signifié*”; *SM*, em Godel 1957 : 85, n. 124 [D 212]; *CLG/E*, n. 1084 “une amélioration peut être apportée à ces formules [duas semanas antes: *concept* e *image acoustique*] en employant ces termes: *signifiant* et *signifié*”, em Saussure 1967-1974; ver Saussure 1967: 408, n. 128.

⁶⁰ Movimento – de privilegiar o formalismo terminológico – que se reflete em maior escala numa operação de hipostatização da *langue* que favorece as instâncias autonomistas da linguística saussuriana, em detrimento do peso teórico da figura do falante. Uma síntese nítida e pontual das passagens vinculadas à noção de sujeito e seu alcance psicológico, em oposição àquelas mais formais e sistêmicas, pode ser encontrada em De Palo, *Antipsicologismi a confronto*, cit.: 203-205.

parole”⁶¹), parece possível dizer que na *parole* o momento receptivo seja precedente:

*Autant que nous entendons, nous parlons. Oui, Messieurs, sans doute, mais jamais autrement que d’après l’impression acoustique non seulement reçue, mais reçue dans notre esprit et qui est souveraine seule pour décider de ce que nous exécutons. C’est elle qui dirige tout, c’est elle qui suffit de considérer pour savoir qu’elle sera exécuté*⁶².

Do ouvido ao *esprit*, e dele aos órgãos fonatórios: o suposto início (talvez também glotogenético) do circuito da *parole* é desbancado. O ponto de partida será exatamente o ouvido: é o som **ouvido**, e não o som **pronunciado**, que se apresenta em primeiro lugar ao sujeito, e é em função de seu reconhecimento como **imagem acústica** que ele começa a adquirir valor linguístico.

A consequência extrema desta posição repercute no estatuto saussuriano da consciência do falante.

Esta, antes ainda de se identificar com o critério de juízo de realidade da entidade linguística (“*Dans la langue est concret tout ce qui est présent à la conscience du sujet parlant*”)⁶³, coloca-se em sua atitude receptiva⁶⁴ acolhendo o impacto acústico: o sujeito falante, o “fiador epistêmico”⁶⁵ final da visão linguística saussuriana, se determina em primeiro lugar por sua **sensibilidade**. Deve-se a este “*sentiment de la langue*”⁶⁶ o ato positivo que modela as **imagens acústicas** em formatação linguística:

a cada momento da sua [da *langue*] existência não existe linguisticamente nada além do que o que é percebido pela consciência, ou seja, aquilo que é ou se torna signo⁶⁷.

⁶¹ CLG/E, n. 344 [III C], terceiro curso. O excerto também está disponível na nova edição; cf. Constantin, *Linguistique générale*, 2005, p. 236 [308a].

⁶² Saussure 2002: 247 (= CLG/E, n. 3305.7, IV fasc.; a passagem é retirada do texto das conferências sobre a teoria da sílaba, 1897).

⁶³ CLG/E, n. 2195, em Saussure 1967-1974.

⁶⁴ “As primeiras impressões que o espírito recebe [...] são tais que estabelecem as relações as mais inesperadas entre coisas totalmente separadas, assim como tendem continuamente e sobretudo a dividir coisas absolutamente unidas. Assim, por exemplo, a mesma impressão que um objeto material causa não tem o poder de criar uma única categoria linguística: – portanto, não há nada além que termos negativos em cada um dos quais o objeto é abarcado de modo incompleto, enquanto ao mesmo tempo é desmembrado em vários termos”; Saussure 2005: 85-86 [ED, § 26].

⁶⁵ Expressão e argumentos de De Palo, *Antipsicologismi a confronto*, cit.: 204.

⁶⁶ Saussure 2002: 195 (=CLG/E, n. 3293, IV fasc. [N 7]); “Rappelons-nous que tout ce qui est dans est dans le sentiment des sujets parlants est phénomène réel” (Saussure 2002: 185 = CLG/E, n. 3293, IV fasc. [N 7]). As passagens são extraídas das notas das aulas de morfologia histórica grega e latina, início dos anos noventa do século XIX.

⁶⁷ Saussure 2005: 46 [ED, § 8].

Em outras palavras, o valor do “fait acoustique” como primitivo linguístico⁶⁸ que está na base da consciência do falante, e a ideia da *langue* como forma parece derivar diretamente do papel que a esta é atribuído na tarefa da articulação da substância sonora:

*Nous ne pouvons faire des coupures, distinguer des unités dans la chaîne parlée que grâce à l'oreille, à la donnée acoustique*⁶⁹.
*Nous faisons [...] tacitement appel, pour proclamer l'existence de nû, au jugement d'identité prononcé par l'oreille*⁷⁰.

Nesta perspectiva a espécie linguística tem origem na impressão acústica: o som percebido (e acolhido como marca psíquica no *esprit*) define a raiz acústica da consciência do falante.

4. CONCLUSÕES

À medida que a potência icônica da ilustração e da esquematização do circuito da *parole* tenha comprometido seu alcance, as faculdades perceptivas e as responsabilidades interpretativas requeridas à figura do receptor encontram na reflexão saussuriana uma consistência teórica definida.

Os instrumentos filológicos permitem restituir conotações claramente receptivas à **imagem acústica**, constituinte essencial, juntamente ao **conceito**, da noção de *signe* e colocar bem no centro do aparato teórico saussuriano o papel do ouvinte e sua consciência acusticamente construída.

Mesmo com o esforço filológico e o trabalho maiêutico necessários a essa recuperação, há falta de uma abordagem orgânica: Saussure, em diversas ocasiões, direcionou sua atenção a problemas e questões relacionados ao momento perceptivo e interpretativo das trocas linguísticas, só não parece ter integrado tais implicações em uma visão geral⁷¹.

⁶⁸ Cf., por exemplo, Saussure 2002: 238, 249 (notas das conferências sobre a teoria da sílaba).

⁶⁹ *CLG/E*, n. 958 [I R 1.39], primeiro curso, em Saussure 1967-1974; cf. Saussure 1967: 55.

⁷⁰ *CLG/E*, n. 3295, 7, fasc. IV [N 9], em Saussure 1967-1974; cf. Saussure 1967: 17-20.

⁷¹ Ao contrário, por exemplo, do próprio Albert Sechehaye, que em seu *Programmes et méthodes de la linguistique théorique. Psychologie du langage*, Champion, Paris 1908, coloca o receptor no centro de uma vasta construção teórica capaz de dar conta também de problemas clássicos como a mudança linguística (cf. R. Amacker, *La creatività del ricevente secondo Albert Sechehaye*, em *Dalla parte del ricevente: percezione, comprensione, interpretazione*. XIX Congresso internazionale di studi SLI, Roma, 9-10 de novembro de 1985, editado por T. De Mauro, S. Gensini, M. E. Piemontese, Bulzoni, Roma 1988: 61-71).

Em certa medida, parece possível poder vislumbrar uma motivação ideal para essa restrição.

Se por um lado, de fato, pode-se sustentar que é na impressão acústica que deve ser procurado o fundamento da consciência linguística do indivíduo, e que sejam as impressões acústicas a marcar-lhe a atividade produtiva, por outro lado, é também verdade que somente ao serem recortadas, e postas em circulação em uma comunidade linguística, as impressões acústicas se tornam *langue*⁷²: em um gesto teórico tipicamente saussuriano, o papel do receptor parece desaparecer, por assim dizer, para ser absorvido no quadro social, na “*communauté d’images auditives*”⁷³, na multiplicação de sujeitos implícita na ideia de trocas comunicativas enquanto “circuito”.

Sobre essa base se poderia imaginar o circuito da *parole* ampliado, à direita e à esquerda, de modo que – por assim dizer – cada *Monsieur B* seja o *Monsieur A* de alguma outra pessoa, e assim por diante, recursivamente: o que está na base do tema do receptor em Saussure, o que parece interessá-lo principalmente, é a confirmação, a cada vez, da atitude continuamente **renovada** e intrinsecamente **flutuante** da *langue* através dos *jeux de signes* nos quais o falante toma parte⁷⁴, *jeux de signes* que são instituídos e regidos não apenas por *Monsieur B*, mas por toda uma comunidade de *Messieurs*: a *langue* é fundada.

par la somme des paroles perçues, et réciproquement il n’y a rien de parole possible que lors de l’élaboration du produit qui s’appelle la langue et qui fournit à l’individuel éléments dont il peut composer sa parole.

C’est l’oeuvre de l’intelligence collective d’élaborer et de fixer ce produit. Tout ce qui est langue est implicitement collectif. En revanche, il n’y a pas de parole collective. <Dire qu’un mot est entré dans la langue, c’est dire qu’il a reçu l’approbation collective>⁷⁵.

Em suma, por um lado, o ofuscamento que parece sofrer a figura do receptor saussuriano é uma extensão da escuridão que envolveu, até algum tempo atrás, o tema do sujeito falante na linguística saussuriana; por outro lado, a falta de uma teorização a ele dedicada deve reconduzir à própria configuração do

⁷² “Se pudéssemos abarcar a totalidade das imagens verbais armazenadas em todos os indivíduos, atingiríamos o liame social que constitui a *langue*”; Saussure 1967: 23.

⁷³ *CLG/E*, n. 2027, terceiro curso, em Saussure 1967-1974; *SM*, em Godel 1957: 89, n. 144 [D 263].

⁷⁴ “Uma palavra não existe verdadeiramente, sob qualquer ponto de vista que se coloque, senão graças à sanção que recebe de momento a momento por parte daqueles que a empregam”; Saussure 2005: 94 [ED, § 29b].

⁷⁵ Constantin, *Linguistique générale*, 2005, p. 236 [308a]; *CLG/E*, n. 344 [III C], terceiro curso.

pensamento saussuriano: o fato linguístico não pode ser considerado, uma vez mais, senão em sua dupla natureza, aquela que integra irredutivelmente receptores e produtores, falantes e ouvintes:

[Dans l'individu] tout ce qui est amené sur les lèvres par les besoins du discours et par une opération particulière, c'est la parole. Tout ce qui est contenu dans le cerveau de l'individu, le dépôt des formes <entendues et> pratiquées et de leur sens, <c'est> la langue. [...] La langue est le réservoir individuel; tout ce qui entre dans la langue, c'est-à-dire dans la tête, est individuel. [...] Il suffira prendre la somme des trésors de langue individuels pour avoir la langue. Tout ce que l'on considère en effet dans la sphère intérieure de l'individu est toujours social parce que rien n'y a pénétré qui <ne soit> d'abord <consacré par l'usage> de tous dans la sphère extérieure de la parole⁷⁶.

REFERENCIAS

- CLG Ferdinand de Saussure, *Corso di linguistica generale*. Introduzione, traduzione e commento di Tullio De Mauro. Roma / Bari : Laterza 1967 [trad. it de Saussure (1922)].
- CLG/E Ferdinand de Saussure, *Cours de linguistique générale*. Édition critique par Rudolf Engler. Wiesbaden : Otto Harrassowitz, (1967-1974) [1989-1990].
- Constantin, *Linguistique générale* Gambarara, Mejía Quijano (2005 [2006]).
- ELG Ferdinand de Saussure, *Écrits de linguistique générale*, texte établi par S. Bouquet et R. Engler. Paris : Gallimard, 2002.
- Phonétique Ferdinand de Saussure, *Phonétique. Il manoscritto di Harvard Houghton Library bMS Fr 266 (8)*, a cura di Maria Pia Marchese. Padova : Unipress, 1995.
- SLG Ferdinand de Saussure, *Scritti inediti di linguistica generale*. Introduzione, traduzione e commento di Tullio De Mauro. Roma / Bari : Laterza, 2005 [trad. it de ELG].
- SM Robert Godel, *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de F. de Saussure*. Librairie Droz, Genève, 1957 [1969].

⁷⁶ CLG/E, n. 2560 [I R], primeiro curso, em Saussure 1967-1974.

ALBANO LEONI, Federico, Saussure. La sillaba e il fonema. In: ELIA, A.; DE PALO, M. *La lezione di Saussure*. Roma: Carocci, 2007.

AMACKER, René. La creatività del ricevente secondo Albert Sechehaye. *Dalla parte del ricevente: percezione, comprensione, interpretazione*. Atti del XIX Congresso internazionale di studi SLI, Roma 8-10 novembre 1985, a cura di T. De Mauro, S. Gensini, M.E. Piemontese. Roma: Bulzoni, p. 61-71, 1988.

BENVENISTE, Émile. Tendenze recenti nella linguistica generale [1954]. E.B., *Problemi di linguistica generale* [1966]. Milano: Il Saggiatore, 1971.

BERGOUNIOUX, Gabriel; LAKS, Bernard. Portrait de Saussure en phonologue contemporain. In : BOUQUET, S. *Saussure*. Paris: Éditions de l'Herne, 2003.

BERGSON, Henri. Matière et mémoire [1896]. In : ROBINET, A. *Œuvres*. Paris: PUF, 1959.

COURSIL, Jacques. Le syllabaire saussurien. Introduction à la phonologie des groupes. *Langages*, n. 129, p. 76-90, 1998.

DE MAURO, Tullio. Ancora Saussure e la semântica. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 45, 101-109, 1991. [réimpr. in Id., *Capire le parole*. Roma / Bari: Laterza, p. 119-126, 1999]

DE MAURO, Tullio. Introduzione. Antico e nuovo nello studio della comprensione. *Capire le parole*. Roma / Bari: Laterza, 1999.

DE MAURO, Tullio. Saussure in cammino. In: ELIA, A.; DE PALO, M. *La lezione di Saussure*. Roma: Carocci, 2007.

DE MAURO, Tullio. *Lezioni di linguistica teorica*. Roma / Bari: Laterza, 2008.

DE PALO, Marina. *La conquista del senso. La semantica tra Bréal e Saussure*. Roma: Carocci, 2001.

DE PALO, Marina. Antipsicologismi a confronto. In: GENSINI, S.; MARTONE, A. *Il linguaggio: Teoria e storia delle teorie*. In onore di Lia Formigari. Napoli: Liguori, 2006.

DE PALO, Marina. Saussure e il soggetto parlante. In: ELIA, A.; DE PALO, M. *La lezione di Saussure*. Roma: Carocci, 2007.

FADDA, Emanuele. *Lingua e mente sociale. Per una teoria delle istituzioni linguistiche a partire da Saussure e Mead*. Acireale / Roma: Bonanno, 2006.

FEHR, Johannes. *F. de Saussure. Notizen aus dem Nachlass*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997.

FEHR, Johannes. *Saussure entre linguistique et sémiologie*. Paris: PUF, 2000. [trad. fr. de l'introduction de Fehr (1997)].

FORMIGARI, Lia. *Linguistica e empirismo nel Seicento inglese*. Roma / Bari: Laterza, 1970.

GAMBARARA, Daniele. Il circuito della parole e il modo di riproduzione delle lingue. *Scritti saussuriani per Robert Godel*, a cura di R. Amacker, T. De Mauro e L.J. Prieto. Bologna: Il Mulino, 1974.

GAMBARARA, Daniele; MEJÍA Quijano, Claudia. Émile Constantin. Linguistique générale. Cours de M. le Professeur de Saussure. 1910-1911. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 58, p. 83-289, 2005.

GODEL, Robert. Notes inédites de F. de Saussure. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 12, 49-71, 1954.

HJELMSLEV, Louis. *Le langage*. Paris: Éditions de Minuit, 1966.

JAKOBSON, Roman. Saussure's unpublished reflexions on phonemes. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 26, p. 5-14, 1969.

LO PIPARO, Franco. *Linguaggi, macchine e formalizzazione*. Bologna: Il Mulino, 1974.

LOCKE, John. *An Essay concerning Human Understanding*, ed. by A. Campbell Fraser. Oxford: Clarendon Press, 1894.

MANIGLIER, Patrice. *La vie énigmatique des signes. Saussure et la naissance du structuralisme*. S.l. [Paris]: Éditions Léo Scheer, 2006.

NORMAND, Claudine. Le sujet entre langue et parole. *Langages*, n. 77, 1985.

NORMAND, Claudine ; CAUSSAT, Pierre ; CHISS, Jean-Louis ; MEDINA, José ; PUECH, Christian ; RADZYNSKI, Anne (éd.). *Avant Saussure : choix de textes. 1875-1924*. Bruxelles: Éditions Complexe, 1978.

OSTHOFF, Hermann. Die Tiefstufe im indogermanischen Vokalismus. *Morphologische Untersuchungen auf dem Gebiete der indogermanischen Sprachen* 4, hrsg. K. Brugmann, H. Osthoff, 1881.

PARRET, Herman. Les manuscrits saussuriens de Harvard. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 47 , p. 179-234, 1993.

PETIT, Daniel ; MEJIA QUIJANO, Claudia. Saussure en Lituanie, *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 61, p. 133-157, 2008.

PETRILLI, Raffaella. La bifaccialità del segno linguístico. *Ai limiti del inguaggio*, a cura di F. Albano Leoni; D. Gambarara; S. Gensini; F. Lo Piparo; R. Simone. Roma / Bari: Laterza, 1998.

PETROFF, André-Jean. *Saussure : la langue, l'ordre et le désordre*. Paris: L'Harmattan, 2004.

RUSO CARDONA, Tommaso. Négativité, récursivité en incalculabilité. Les quaternions dans "De l'essence double du langage". *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 61, p. 87-99, 2008.

SECHEHAYE, Albert. *Programmes et méthodes de la linguistique théorique. Psychologie du langage*. Paris: Honoré Champion, 1908.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*. Leipsick: Teubner, 1879 [1878] [rist. Paris : F. Vieweg, 1887].

SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale* [1916], éd. par Charles Bally et Albert Sechehaye, avec la collaboration d'Albert Riedlinger. Lausanne / Paris: Payot, 1922 [deuxième éd.].

SAUSSURE, Ferdinand de. *Introduzione al secondo corso di lingusitica generale. 1908-1909*, a cura di R. Simone. Roma: Ubaldini, 1970.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Le leggende germaniche*, scritti scelti ed annotati a cura di A. Marinetti e M. Meli. Este: Zielo, 1986.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale. Premier et troisième cours, d'après les notes de Riedlinger et z*, texte établi par E. Komatsu. Tokyo: Université Gakushuin, 1993.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Manoscritti di Harvard*, a cura di H. Parret, trad. di R. Petrilli. Roma / Bari: Laterza, 1994.

SHANNON, Claude E.; WEAVER, Warren. *La teoria matematica delle comunicazioni* [1949], trad. it. di P. Cappelli. Milano: ETAS, 1993.

SIMONE, Raffaele. Seicento e Settecento. *Storia della linguistica*, a cura di G.C. Lepschy, vol. II. Bologna: Il Mulino, 1990.

SIMONE, Raffaele. The language user in Saussure (and after). *Historical roots of linguistics theories*, ed. by L. Formigari and D. Gambarara. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 1995.

VECCHIO, Sebastiano. *Le parole come segni: introduzione alla linguistica agostiniana*. Palermo: Novecento, 1994.

VENDRYES, Joseph. Le caractère social du langage et la doctrine de Ferdinand de Saussure. *Journal de Psychologie normale et pathologique* 28, 617-624, 1921. [part. réimpr. in Normand, Caussat, Chiss, Médina, Puech, Radzynski (1978 : 166-169)].

WUNDERLI, Peter. Ferdinand de Saussure "1^{er} cahier à lire préliminairement". *Zeitschrift für französische Sprache und Literatur*, n. 82/3, p. 193-216, 1972.